

Coração de fênix: Relatos de Mulheres Viúvas do Agreste Pernambucano¹

Daiane nobre de Melo²

Fabiana Moraes da Silva³

Universidade Federal de Pernambuco– UFPE

Resumo

Invisibilizadas pela sociedade, as viúvas enfrentam o luto em isolamento, tentando superar a dor da perda por conta própria. A solidão, a exigência de assumirem a liderança familiar, a responsabilidade de criar os filhos e a dependência da boa vontade de parentes, constituem desafios constantes. No interior do Brasil, as viúvas não contam com o suporte de políticas públicas eficazes ou de instituições da sociedade civil. Este trabalho apresenta três relatos de viúvas do Agreste Pernambucano, com experiências diversas, mas atravessadas por sentimentos semelhantes, como a saudade do seu cônjuge. A partir de uma abordagem comunicacional, a pesquisa visa contribuir para a construção social dessas mulheres, ampliando o debate sobre o que significa a viuvez, território e cidadania.

Palavra-chave: viúvas; luto; mulheres; cidadania; comunicação.

Introdução

Este artigo insere-se no campo da Comunicação e Cidadania, abordando sujeitos historicamente invisibilizados pelas mídias e pela sociedade, como as mulheres viúvas residentes em áreas interioranas. Desde 2024, desenvolvemos esta pesquisa no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), realizado pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Financiado pela Pró-Reitoria de Pesquisa (Propesq), busca investigar se existem políticas públicas e iniciativas sociais voltadas ao acolhimento dessas mulheres no interior de Pernambuco.

O termo comunicação é compreendido nessa pesquisa como uma ferramenta de construção de sentidos e visibilidade social, com potencial para gerar empatia e mobilização. Por meio de relatos em primeira pessoa, coletados em entrevistas em profundidade, gravadas em áudios, concedidos e autorizados para fins dessa pesquisa pelas viúvas. Pretende-se ampliar o debate sobre os direitos e a cidadania de mulheres enlutadas, articulando elementos como representação, narrativas e práticas discursivas. A

¹ Trabalho apresentado no GP IJ07 – Comunicação e Cidadania, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduanda do 7º período do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Centro Acadêmico do Agreste – CAA. E-mail: daiane.nobre@ufpe.br

³ Doutora em Sociologia e professora do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Centro Acadêmico do Agreste – CAA. E-mail: fabiana.msilva2@ufpe.br

pesquisa se propõe a informar e inspirar ações voltadas ao suporte emocional e econômico, desse público carente de ações governamentais.

Este artigo insere-se no campo da Comunicação e Cidadania, abordando sujeitos historicamente invisibilizados pelas mídias e pela sociedade, como as mulheres viúvas residentes em áreas interioranas. Desde 2024, desenvolvemos esta pesquisa no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UFPE), com financiamento da Pró-Reitoria de Pesquisa (Propesq), buscando investigar se existem políticas públicas e iniciativas sociais voltadas ao acolhimento dessas mulheres no interior de Pernambuco.

A motivação para o recorte empírico partiu dos dados do censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) do ano de 2022⁴, que apontam maior expectativa de vida entre mulheres 79 anos, em relação aos homens 72 anos, sugerindo um número expressivo de viúvas no país. A hipótese da viuvez das mulheres foi investigada empiricamente, com foco em uma cidade do agreste pernambucano.

Das Viúvas no Mundo ao Brasil

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), em 2020 existiam 258 milhões de viúvas no mundo. Dessas, cerca de 10% viviam em situação de extrema pobreza, sobretudo em países em desenvolvimento. A viuvez, embora seja uma realidade global, ainda é pouco discutida em termos de políticas públicas, práticas comunicacionais e reconhecimento simbólico. Historicamente, a posição da mulher viúva variou entre culturas e épocas.

No Código de Manu⁵ por exemplo, a mulher permanecia dependente por toda a vida, na viuvez, tornava-se subordinada aos filhos ou à família do cônjuge. Sofrendo estigmatização e exclusão social. A evolução da mulher na sociedade, desde a submissão ao homem até a busca por igualdade a partir do século passado, é de conhecimento

⁴Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/1206b8fe9079fe1b32e54035d1f81dc0.pdf. Acesso em: 8 jun. 2025.

⁵ Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/o-papel-da-mulher-na-sociedade/850597196>. Acesso em: 8 jun. 2025.

público. Contudo, a situação varia consideravelmente de país para país, como demonstra o artigo de Paula Vitória, que cita o Código de Manu, da legislação da Índia antiga:

Art. 415 desta lei, sabemos que a mulher durante a infância depende do pai; durante a mocidade do marido; e, morrendo o marido, dos seus filhos; se não tem filhos, dos parentes próximos de seu marido; porque uma mulher nunca deve governar se a sua vontade (Vitória, 2020, online).

Na Índia, a mulher permanece sendo objetificada para a procriação, preferencialmente de filhos homens. As viúvas recebem tratamento ainda pior, pois não podem se casar novamente e são tratadas como parte de uma classe secundária. O viúvo indiano, por outro lado, pode se casar novamente e formar uma nova família. A entrevista realizada como padre jesuíta Anthony Samy Cyril, por Lúcia López Alonso, traduzida pelo Instituto Humanitas Unisinos⁶, explica:

As viúvas são as vítimas silenciosas da Índia. Desde a morte dos maridos, em nome da cultura e da religião, são socialmente privadas de todos os seus direitos: o direito a uma vida digna; direito à mobilidade; direito de assumir liderança; direito de propriedade; direito de casar novamente; direito de se vestir da maneira que quiserem, etc. Sua própria visão é considerada abominável. São consideradas e tratadas como “mulheres más”, “azaradas” e “cadáveres vivos”.

O dia Internacional das Viúvas é celebrado em 23 de junho promovido pela ONU desde dezembro de 2010, comemorado em vários países, incluindo o Brasil. Embora existam mais viúvas do que viúvos, pouco se discute publicamente sobre sua realidade. Dados da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Gênero (CIG) de Portugal, indicam que o número de viúvas é mais do que o dobro do de viúvos, diferença também observada em países da América Latina.

No contexto brasileiro, uma revisão de literatura No artigo “A viuvez e a saúde dos idosos: uma revisão integrativa”, Bruna Fernandes e Maria Borgato informam que "o Brasil tinha oito milhões de viúvos em 2010, segundo o último censo (IBGE, 2016), o que representava cerca de 4% da população". Segundo a autora Ana Camarano (2003), o estado da viuvez afeta muito mais as mulheres idosas que os homens idosos. Trazendo

⁶ Disponível em: <https://www.cig.gov.pt/2024/06/mulheres-viuvadas-vivem-mais-desprotegidas/#:~:text=Segundo%20dados%20da%20ONU%2C%20estima,dez%20vive%20em%20extrema%20pobreza> acesso em: 6 jun. 2025.

números dos anos 2000 como exemplo, a autora destaca que 41% dessas mulheres eram viúvas e 39% eram casadas.

Por outro lado, ao observar os números dos homens, quase 70% dos idosos estavam casados e somente 13% eram viúvos. Ou seja, as mulheres eram em sua maioria solteiras, enquanto os homens se casavam novamente, as mulheres não. "A proporção de viúvas cresce com a idade, ao mesmo tempo em que decresce a de casadas", afirma. Compreender as implicações desses dados na saúde da população é essencial, pensando em perspectivas futuras. Através dessas informações, podemos observar que a probabilidade da viuvez cresce junto com a quantidade da população. Como mostrado de Fernandes e Borgato (2016) revelou que, em 2010, cerca de 8 milhões de pessoas estavam em situação de viuvez, sendo a maioria mulheres idosas.

Em Pernambuco, dados recentes do IBGE 2022⁷, as mulheres são responsáveis por chefiar quase a metade dos lares brasileiros, com 49,1% dos lares liderados na média nacional. O estado está em primeiro lugar com 53,9%, tendo o destaque com mais com liderança feminina. Em 2012, o percentual era de 38,7%, os dados apontam que mais da metade dos lares são chefiados por mulheres, indicando uma sobrecarga de responsabilidades atribuídas ao grupo social.

Metodologia

A pesquisa tem abordagem qualitativa e foi estruturada em três fases: a primeira foi realizada a seleção, utilizou-se o método da amostragem em bola de neve (VINUTO, 2014), adequado para temas sensíveis. Em relação as entrevistadas, foram selecionadas pela a pesquisadora, por já possuir um vínculo de confiança, pela livre e espontânea vontade de falar sobre a temática da viuvez, e todo o processo foi realizado respeitando critérios de anonimato e voluntariedade.

A segunda fase, produção das entrevistas, foram individuais e presenciais. Divididas em um duas entevistas, realizadas entre novembro de 2024 (primeiro contato) a junho (último contato) de 2025, nas residências das participantes, localizadas em uma cidade do Agreste Pernambucano. O roteiro semiestruturado abordou os seguintes eixos:

⁷ Disponível em: <https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202410/censo-2022-em-12-anos-proporcao-de-mulheres-responsaveis-por-domicilios-avanca-e-se-equipara-a-de-homens> acesso em: 6 de jun. 2025.

história pessoal e conjugal, momento da perda, cotidiano pós-luto, redes de apoio, percepções sobre políticas públicas em sua localidade. As entrevistas tiveram tempo de duração variável entre 30 e 70 minutos, foram gravadas com autorização e, posteriormente, transcritas integralmente.

A próxima fase análise dos dados, optou-se por uma análise temática (2006) seguindo o método de Braun e Clarke, explicado no artigo de Luciana Souza (2019) que traz a tradução da metodologia. Que consiste em identificar as categorias emergentes dos relatos. Os temas foram organizados conforme recorrência e relevância simbólica, visando compreender sentidos atribuídos à viuvez pelas próprias participantes. Na pesquisa foi assinado o termo para liberação do uso das informações coletadas na pesquisa e além de ter gravado no áudio a autorização. Assim, garantindo o uso, à recusa e ao sigilo das informações.

As três entrevistadas

Explicando melhor como foi o processo de descoberta da doença, sua esposa conta que a convivência com o tratamento durou aproximadamente dois anos. M-1 viu seu marido esquecer-se dos filhos, dos netos, dela como esposa; ela se tornou sua mãe, pois era assim que ele a chamava. Seu marido, durante esses dois anos, voltou a ser criança, a usar fraldas, regredindo até não conseguir mais falar. "Como um bebê", ela disse que ele só comia o que lhe era dado na boca. M-1 conta:

"Ficou doente, cada vez que tomava o remédio, mais piorava, piorava. Aí, não teve jeito (...) fez todos os exames de cabeça, duas vezes, tudo, mas cada vez que tomava medicamento, mais ficava pior. Aí, nem conhecia mais eu, nem os filhos. Depois, até assim, fazendo seis meses, não falava mais."

Ao falar sobre sua história juntos, conta que eles começaram a namorar através de uma carta que seu marido mandou, declarando-se e pedindo-a em namoro. Os dois eram vizinhos, ele era muito tímido, e M-1 tinha 14 anos quando começaram. "Um namoro diferente dos de hoje", afirmou ela, o máximo que fizeram foi segurar as mãos durante esses dois anos. Ele passava mais tempo falando com o pai ou seus irmãos do que com ela. Mesmo assim, namoraram por dois anos, pois eram muito apaixonados. Durante esse tempo, ele começou a construir a casa onde M-1 mora até hoje. Casaram-se quando ela

tinha 16 anos. Sua mãe era contra o casamento, porque ela era muito nova e como a mãe havia tido uma péssima experiência conjugal, não queria que a filha vivesse o mesmo.

M-1 cresceu em uma casa com brigas; o pai era jogador, trocava a família pelo bar, era violento com a mãe. Mesmo assim, seguiu seu coração e os dois viveram 43 anos juntos, tiveram oito filhos, um após o outro: o primeiro nasceu quando ela tinha 18 anos e o último aos 30. Ela reconhece que teve sorte por ter desobedecido à mãe e o casamento ter dado certo. Ao perguntar quais sentimentos ela sente ao lembrar do companheiro e quais lembranças mais gosta, M-1 disse: "Saudade, saudade. Mas ficaram as lembranças mais boas (...) ah, muitas lembranças, né? O casamento das filhas, né? Aqueles que ele viu o dia, ele ia. Os batizados, netos, né? Ser os padrinhos dos netos."

Durante a entrevista comentou: "É muito ruim ficar só, difícil", deixando espaço para perguntar se ela pretendia entrar em outro relacionamento. Ela explicou: "Não, não, não. Nunca, não quero mais não". Ao perguntar se seria pelo tempo de convivência, ela disse: "É, porque eu acho que sim... não sei, não. Não pretendo amar." M-1 relatou que não havia uma música específica que marcasse sua relação, mas o que mais a fazia sentir saudade do falecido marido era o cotidiano: "É o dia a dia, né? Dia a dia. Ele me ajudava, ficava em casa, era companheiro."

A segunda entrevistada, M-2, tem 58 anos e uma história de vida curiosa: é viúva de dois maridos. O primeiro foi interrompido por abandono e segundo durou 28 anos e terminou com a morte do parceiro em 2019. M-2 conheceu o primeiro com 10 anos, e começou a namorar aos 11 por medo de "o mundo acabar" sem ter namorado. Casaram-se quando ela tinha 16 anos e viveram "juntos" por dez anos. Ela resume esse período. "Dez anos de sofrimento. Ele era cachaceiro, jogava baralho. E tudo que ele trabalhava era só para essas duas coisas."

Ao ser questionada se seu primeiro marido ajudava em casa, respondeu: "Não, de jeito nenhum. Um quilo de açúcar, ele não dava de forma nenhuma. Quem já dava era os pais dele. Que criavam a gente." Após a morte dos sogros, ela e os três filhos passaram a morar em casas emprestadas: "Fiquei com ele, aí fomos morar na casa dos outros. O povo saía e dava casa para nós morarmos, para tomar conta, né? (...), mas ele

nada de querer responsabilizar". Mesmo com as dificuldades, teve três filhos com ele. O marido foi para São Paulo, prometendo buscá-la, mas a deixou sozinha com as crianças: "Me deixou uma com sete, e outro com seis, e a caçula com um ano. Aí ficou, pronto".

Além de deixá-la sozinha com três filhos pequenos, seu primeiro marido quase não mandava notícias nem dinheiro. M-2 esperou por ele durante três anos. Nesse período, conheceu seu futuro companheiro, um primo que ela não conhecia e que havia retornado de São Paulo aos 33 anos: "Aí viu meu sofrimento, né? Eu sofrendo (...) ele era doente, muito doente. Mas ele disse, vou viver. Se você quiser viver mais eu, tomo conta."

M-2 teve resistência no início para aceitar o relacionamento por ele ser doente, porém ela aceitou. Ele não era aposentado, mas recebia o benefício LOAS por ter trabalhado em São Paulo. Como o primeiro marido não voltou, M-2 foi morar com o primo. Mudaram-se para outra cidade, onde ela engravidou e fez laqueadura após o nascimento do quarto filho. Depois de alguns anos, voltaram e passaram a viver na casa onde ela reside até hoje.

M-3 viveu 28 anos com o segundo companheiro, mas não chegaram a se casar oficialmente, pois ela só se divorciou do primeiro marido por volta de 2014 ou 2015. Ambos os maridos morreram em 2019. A experiência do luto do segundo marido foi muito difícil, desencadeando um pequeno quadro de depressão: "Teve um dia aqui mesmo, que eu fiquei, acho que eu ia dar uma depressão, porque eu fiquei sozinha, né? (...) eu não comia, só tomava água do pote, somente".

Para lidar com a perda, M-2 usava as músicas de Barrerito⁸, cantor favorito do companheiro: "Pensando nele muito. Aí, às vezes, botava uma música, curti aquela música". M-2 conta que, após a morte do segundo marido, queria ficar sozinha. Sua irmã a chamava para dormir na casa dela, mas ela recusava: "Não, eu vou ficar aqui. Se eu for dormir numa casa um dia, aí eu posso não querer acostumar mais a minha casa." Ao ser perguntada sobre o que mais sentia falta do cônjuge, respondeu: "Tudo, tudo, tudo."

⁸ Cantor brasileiro, cantava sertanejo, integrante do Trio Parada Dura nos anos de 1975 a 1982.

M-3, a terceira entrevistada, é a viúva mais jovem. Seu marido faleceu em 1º de setembro, ainda não completou um ano da perda. Casados informalmente por sete anos, ela cuida de dois filhos pequenos e enfrenta dificuldades para acessar pensão por não ter formalizado a união civil. M-3 tem 46 anos, cinco filhos, sendo dois com o falecido, os quais considera a maior alegria do relacionamento. Estavam juntos há sete anos, porém se conheceram há mais de dez, quando ela foi trabalhar como empregada em sua casa. Ambos eram casados na época, então a relação começou apenas como amizade. Só se envolveram após ambos se separarem.

Ao saber que M-3 estava separada, ele disse que queria algo sério com ela. Ela só aceitou quando teve certeza de que ele também estava livre. Decidiram recomeçar em outra cidade e voltaram à região há menos de dois anos. Tiveram dois filhos, um com seis anos e outro com quase dois. O mais novo tinha apenas nove meses quando o pai faleceu. A morte foi trágica e acidental: "Mulher, foi uma tragédia, viu? (...) papai entregou a ele [o veneno] numa garrafa pet, pequenininha (...) depois de levar minha avó, aí, nesse meio, nós conversando, ele simplesmente abriu a garrafa e engoliu."

Ela pensou que fosse brincadeira, porque seu companheiro era muito brincalhão, mas seu pai confirmou que era o veneno. Ele tentou vomitar duas vezes, sem sucesso. M-3 percebeu que a situação era grave quando seu marido caiu no chão e mudou de cor. Desesperada, começou a gritar, e seu tio veio socorrê-lo: "Tinha esperança, porque eu comecei a gritar (...) ele estava se debatendo, aí meu tio escutou meus gritos, aí levou ele para Arcoverde (...) Só que chegou lá, ele recuperou, né, da parada cardíaca."

No hospital, foi feita a lavagem estomacal, e ele ficou internado por quatro dias. Apesar da esperança, ele não sobreviveu. Ela acredita que a morte foi agravada por outros problemas de saúde: "Ele era diabético, não tomava remédio direito (...) acho que junto com tudo, né? E não aguentou". A perda foi difícil de aceitar, principalmente por ter sido um acidente: "Quando a pessoa adocece, a gente sabe que pode acabar acontecendo." Ela recorda momentos bons e ruins durante os sete anos de convivência: "Passava por muita coisa (...), mas também tem as coisas boas e as ruins também."

O mais difícil no luto para M-3 foi se acostumar com a ausência: "Nossa Senhora, tudo aqui lembrava ele". Ela associa a lembrança do marido às músicas de Rick e Renner⁹ e afirma que a dor foi amenizada por estar próxima da família: "Ainda bem que eu tô perto de casa (...) Eu não tô sozinha na luta". Sobre a parte financeira, M-3 diz que não conseguiu pensão por não ter união formalizada: "Eu não tenho direito porque eu tenho meu trabalho, aí pra mim não teria direito. Aí eu botei no advogado. A advogada é uma colega minha, aí disse assim que tentasse pelos meninos, né? Aí ainda está tentando isso, está difícil", conta a situação.

Discussão dos resultados

Apesar de contextos diferentes, as três mulheres relataram sentimentos comuns: o impacto emocional da perda, a ausência de suporte institucional, a permanência no lar conjugal, a sobrecarga de responsabilidades e todas não têm perspectivas para novos vínculos afetivos. A relação com a memória dos cônjuges também se destacou, especialmente por meio da música, objeto simbólico de conexão com o passado.

A ausência de casamento civil em dois dos relatos, evidenciou barreiras burocráticas ao acesso à pensão. Em nenhum dos casos houve suporte do Estado durante o luto. A rede de apoio principal é a família, embora nem sempre suficiente. A viuvez, neste contexto, assume uma dimensão não apenas emocional, todavia evidencia a falta de uma política estruturada, reforçando desigualdades de gênero e território.

Considerações finais

Concluimos que a pesquisa cumpriu seu objetivo ao retratar com profundidade três experiências singulares de viuvez, evidenciando desafios comuns enfrentados por mulheres em situação de luto no interior de Pernambuco. Conseguimos abordar três histórias de viúvas distintas, porém ficou claro que as viúvas têm mais pontos em comum do que divergentes. A ausência de políticas públicas, a sobrecarga familiar e a solidão, apontam para uma invisibilidade estrutural. Por fim esse trabalho propôs colaborar para uma agenda comunicacional, que promova visibilidade social e cidadania ativa para mulheres viúvas sejam elas integrantes da terceira idade ou não.

⁹ Dupla sertaneja brasileira, formada em 1986 pelos amigos Rick Sollo e Renner Reis. Separaram em 2015, mas voltaram a cantar como dupla em 2018 e permanecem juntos.

Referências

CAMARANO, Ana Amélia. **Mulher idosa: suporte familiar ou agente de mudança? Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, p. 35-63, 2003. Disponível em: <https://revistas.usp.br/eav/article/view/9944>. Acesso em: 8 jun. 2025.

FALCÃO, Tânia Maria Lago; HOFFNAGEL, Judith Chambliss. **Dor sofrimento, dor encantamento: retratos de vidas – ser viúva em camadas médias pernambucanas**. 2003. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

FERNANDES, Bruna Luise; BORGATO, Maria Helena. **A viuvez e a saúde dos idosos: uma revisão integrativa**. Revista Kairós Gerontologia, v. 19, n. 3, p. 187-204, 2016. São Paulo: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP. ISSN 2176-901X.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatísticas do Registro Civil: estimativa da cobertura da pesquisa Estatísticas do Registro Civil por Unidades da Federação**. 2022. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/1206b8fe9079fe1b32e54035d1f81dc0.pdf. Acesso em: 6 jun. 2025.

LOPES, Camila Aguiar de Oliveira; LEMOS, Daniel Dantas. **Jornalismo ambiental no Brasil: homem e natureza na série de reportagens Viúvas do Veneno**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 36., 2013, Manaus. Anais... São Paulo: Intercom, 2013.

ONU – Organização das Nações Unidas. **No Dia Internacional das Viúvas, ONU ressalta desafios associados à pobreza extrema**. 2020. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/06/1717692>. Acesso em: 8 jun. 2025.

SOUZA, Luciana Karine de. **Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática**. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 71, n. 2, p. 51-67, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.36482/1809-5267.ARBP2019v71i2p.51-67>. Acesso em: 8 jul. 2025.

UNISINOS, Instituto Humanista. **As viúvas são vítimas silenciosas da Índia, onde as mulheres são cidadãs de segunda**. 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/603877padre-anthony-samy-cyril-s-j-as-viuvassaoasvitasilenciosasdaindiaondeasmulheressao-cidadasde-segunda>. Acesso em: 8 jun. 2025.